

RESENHA

O Segredo de Neverwas uma fantasia chamada realidade

Diogo Bogéa¹

Resumo: Discussão sobre as possibilidades de distinção entre realidade e fantasia, loucura e sanidade, através de uma análise do filme “O Segredo de Neverwas”, no qual estes lados em oposição se misturam e se tornam até mesmo indissociáveis. Para tanto, utiliza-se do aparelho conceitual formulado por MD Magno, de base freudiana, e também de referências à obra de Nietzsche. Busca-se demonstrar que não há oposição entre Realidade e Fantasia, mas sim que toda realidade é uma fantasia, uma configuração de mundo delirante.

Palavras-chave: Neverwas; realidade; fantasia

Abstract: Discussion on the possibilities of distinction between reality and fantasy, madness and sanity, analyzing the movie “Neverwas”, in which these opposite sides get mixed and even become indissociated. Concepts formulated by MD Magno, with a freudian basis, and references to some works by Nietzsche will be used. The objective is to show that there is no opposition between reality and fantasy, but every reality is fantasy, a delusional world configuration.

Keywords: Neverwas; reality; fantasy

“O Segredo de Neverwas” é um filme com “*vida própria e reviravoltas imprevisíveis*” (Stern, 2005), no qual Realidade e Fantasia se misturam pouco a pouco até que se revelam indissociáveis. O filme narra a história de Zachary (Aaron Eckhart), um psiquiatra que retorna à sua cidade natal e vai trabalhar no hospital psiquiátrico de Millwood, o mesmo em que seu pai estivera internado. A primeira cena do filme é um sonho perturbador que vem lembrar Zachary da última imagem que teve do pai Thomas Pierson (Nick Nolte) – um escritor transtornado, depressivo e angustiado, que cometera suicídio quando o filho era ainda uma criança. Thomas é autor do best-seller “Neverwas”, um conto fantástico sobre um reino mágico de cenários imaginários e seres mágicos que tem como personagem principal um menino de mesmo nome do psiquiatra: Zachary.

É no hospital psiquiátrico que Zachary conhece Gabriel (brilantemente interpretado por Ian McKellen), um intrigante paciente que havia passado os últimos quarenta anos entrando e saindo de sanatórios. O que há de curioso sobre este paciente é que ele afirma ser o Rei de Neverwas, ou seja, aparentemente julga

¹ Mestrando em filosofia (PUC-Rio).

ser um personagem do livro de Thomas e todos os esforços para dissuadi-lo desta idéia mostram-se vãos. Porém, no decorrer do filme descobrimos que Gabriel já “vivia” na realidade fantástica de Neverwas antes mesmo do livro ter sido produzido. Acontece que ele havia convivido por alguns anos com Thomas, quando ambos eram pacientes do hospital. Este mergulhou na fantasia de Gabriel e escreveu então um livro baseado no Mundo do amigo. Portanto, não é Gabriel que imagina viver dentro de um livro, era o livro que havia sido inspirado em seu mundo – inclusive o personagem principal: o menino Zachary.

A história do filme mistura de tal maneira Realidade e Fantasia, que nos leva a interessantes questões e reflexões: O que é, afinal, a Realidade? Onde estará a fronteira entre Realidade e Fantasia? Poderíamos simplesmente dizer que Gabriel é um louco, pois vive em estado de permanente delírio num mundo de fantasias. Porém, caberia antes olhar para nosso próprio mundo, pois talvez esta descrição se aplique a todos nós que julgamos viver no “mundo real”.

A distinção entre Realidade e Fantasia é uma questão que tem ocupado a mente humana ao longo da história. Mas, será que há mesmo um meio de realizar esta distinção? Gabriel acredita-se pertencente a um Reino chamado Neverwas, o qual classificamos automaticamente como sendo um delírio, uma fantasia, algo que se encontra fora dos limites da Realidade. Porém, empreendendo-se uma análise mais cuidadosa, podemos nos deparar com o fato de que nós também acreditamos em nossos próprios reinos – cidades, estados, países – e talvez eles sejam tão fantasiosos quanto Neverwas. Afinal, que é que determina a legitimidade de nossos Estados?

O que faz deles instituições mais reais que Neverwas? Ora, fronteiras são apenas invenções da imaginação humana, delírios que acreditamos serem reais. Uma mera combinação que determina que do lado de cá é um lugar e do lado de lá é outro. Mas, se é só uma questão de crença, qual o parâmetro para decidir que nossa crença tem valor de realidade e a de Gabriel é apenas fantasia? Se a princípio esta questão parece poder ser resolvida considerando-se a existência material, este critério logo se mostra ineficaz, pois vemos que tanto o Reino de Gabriel quanto nossas cidades possuem presença física. Aos poucos, durante o filme, descobre-se que os elementos da geografia de Neverwas, tais como as árvores, rios, montanhas, cavernas, têm mesmo existência material numa floresta não muito longe do hospital. Ali, o Rei Gabriel construíra ao longo dos anos, com pedaços de todo o tipo de sucata, um belo castelo para si, dando, portanto, forma material à sua fantasia – ou à sua realidade. Não será exatamente assim também conosco? Nos apropriamos de elementos da geografia local, os incluímos nas fronteiras de nossas cidades, construímos casas, prédios, ruas, lojas, hospitais, escolas, igrejas, etc. Dando forma, assim, às nossas fantasias.

Se pararmos para pensar sobre o mundo humano, torna-se até difícil chamá-lo de “Realidade” enquanto algo que se opõe a “Fantasia”. Acreditamos que o mundo esteja dividido em continentes, países, cidades, ruas com nomes bem

definidos e construções numeradas ordenadamente. Acreditamos até mesmo que uma destas construções seja “nossa” casa, “nosso” abrigo, o lugar para onde retornamos todas as noites, onde podemos descansar sossegados, onde podemos até vez por outra romper com os limites da convenção que determina o que é o “normal”, o que é “aceitável”, o que é “bom comportamento”, já que estamos longe dos olhares e julgamentos dos outros na tranqüilidade do “nosso” lar. Isso como se “nossa” casa não fosse um simples pedaço do planeta como outro qualquer, um lugar tão “sem dono” quanto outro qualquer.

Assim por diante, acreditamos que outra destas construções é “nosso” trabalho, o lugar para onde acreditamos *ter que* ir todos os dias – e vamos – desde que combinamos com um senhor que agora chamamos “patrão” que é lá que iríamos trabalhar. Acreditamos que outra destas construções seja uma loja, que deve vender certos produtos e é lá que vamos quando queremos comprá-los. Outra é uma “escola”, para onde as crianças *devem* ir aprender uma série de conhecimentos pré-fabricados há muito tempo – alguns deles já com o prazo de validade expirado. Outra construção se chama “igreja” e acreditamos que seja algo mais que uma construção: um lugar “sagrado” onde algumas pessoas vão para lamentar, pedir, ou prestar homenagens a um ser imaginário qualquer. Sem contar o fato de que tudo aquilo, em nosso mundo, que precisamos para suprir nossas necessidades básicas de sobrevivência ou que queiramos adquirir por conforto ou pura diversão, compramos com uns pedaços de papel colorido que acreditamos ter grande valor – aquilo que chamamos “dinheiro”. São também pedaços de papel com alguns símbolos desenhados – carimbos, assinaturas, etc. – que acreditamos comprovar a validade de todas as nossas combinações – todos os papéis que chamamos “documentos oficiais”: carteira de identidade, escritura, recibo, etc. Mas, não será também simplesmente uma combinação o que confere a estes documentos o poder de legitimar? Além disso, há ainda nossos conceitos, verdades, sentidos, classificações, “bens e males”, “certos e errados”, os quais a menos que se acredite em uma espécie qualquer de fantasia maior, superior, que garanta sua legitimidade, não passam de meras invenções da fertilíssima imaginação humana.

Talvez possamos tentar explicar tanta fertilidade de imaginação, utilizando o aparelho conceitual de MD Magno, de base freudiana, que define como marca própria de nossa espécie, a capacidade de “Revirar”. Que seria isso? Segundo ele, nosso aparelho mental é como um espelho de avessamento radical, ou seja, nos disponibiliza a capacidade de “virar ao contrário” toda e qualquer coisa que se nos apresenta (Medeiros, 2007). Diante de qualquer situação dada, podemos pensar – e desejar – seu contrário. A capacidade de diante do sim, dizer não, diante do não, dizer sim. Capacidade esta que é reprimida, restringida pelas circunstâncias que se nos impõem – sejam de ordem física, corporal, biológica, que Magno chamará “Formações Primárias”, ou impostas pela ordem cultural e social, as “Formações Secundárias”.

Desejamos até mesmo, em última instância, revirar o “Haver” por inteiro. Que seria o Haver? É simplesmente tudo o que há, seja o que for, seja como for, seja um dado físico ou mental. Este desejo de última instância, de revirar o Haver em não-Haver, é absolutamente impossível de se realizar, simplesmente porque não-Haver, como o nome já diz, não há. Estamos, portanto, condenados a Haver e à irremediável insatisfação de sermos arrastados por um desejo de impossível, um desejo que não pode de forma alguma se realizar. Condenados, portanto, a Haver e a não poder não-Haver – porque não haver não há –, não poder saltar para fora daqui – porque não há lado de fora –, não poder simplesmente sumir, desaparecer. O que se passa no inconsciente, segundo esta proposição, é o movimento pulsional que deseja não haver. Pulsão é este desejo que quer a qualquer custo realizar-se, desejo de – em última instância – extinguir-se, desejo do impossível, expressa na fórmula: “Haver desejo de não-Haver” (Magno, 2003).

Como a plena realização deste desejo de última instância é impossível, em algum ponto, em algum lugar, nos chocamos – e com força – no intransponível, no limite último, na absoluta impossibilidade. A partir deste ponto, todo o resto é indiferente. É mais ou menos como: Se o que quero mesmo não posso, todo o resto, tanto faz. Diante da impossibilidade de sua extinção, o desejo vai buscar de toda forma, seja como for, realizar-se, ainda que o máximo que consiga sejam pequenas satisfações, que nunca são suficientes. Já que não pode ir lá onde quer, se vira por aqui mesmo, ainda que não baste. Vale lembrar que, mesmo para obter estes pequenos prazeres, deve ainda ajustar-se às forças recalcantes que lhe impõem todo tipo de barreiras, mais – ou menos – rígidas, sejam de ordem física, biológica ou impostas pelas relações sociais, culturais, familiares, afetivas, etc., limitando consideravelmente a possibilidade de realizar suas fantasias.

Assim, buscando o máximo de prazer – como queria Freud (1976) – ou o máximo de Poder – como queria Nietzsche (*Vontade de Potência* - Partes 1 e 2) –, no trato do movimento pulsional com as barreiras que encontra pelo caminho, faz-se necessário um permanente cálculo que decide a cada nova configuração de circunstâncias, a melhor maneira possível de satisfação – não a absoluta, porque está não há –, ou seja, o melhor modo de lidar com as barreiras: Ora as enfrentando e procurando vencê-las pela força, ora fazendo um pequeno desvio, ora submetendo-se. Cálculo expresso por Freud em seus conceitos de “Princípio do Prazer” – que busca constantemente o máximo de prazer – e “Princípio da Realidade” – responsável por ajustar este desejo de prazer às condições possíveis de sua realização (Freud, 1976). Note-se que não há contradição entre os princípios, como pode parecer à primeira vista. O que se quer é o prazer e ambos trabalham justamente para isso.

São os “maquiavelismos” da pulsão², que, a rigor, faça o que fizer, vá para onde for, está trabalhando sempre para o mesmo fim: realizar-se plenamente, extinguir-se – o que é totalmente impossível.

Forçados lidar com a dor desta experiência traumática que está presente em todos e que é de cada um: Haver e não poder não-haver, nem poder “fugir” do movimento pulsional que deseja extinguir-se, o qual diante da impossibilidade absoluta retorna eternamente³, sem cessar. Experiência de estranhamento radical, de suspensão de todos os valores, de indiferença, de solidão, expressa brilhantemente na fala de um dos “loucos”, internado no mesmo hospício que Gabriel, “internado” no mesmo Haver que todos nós sem possibilidade de fuga: “*Não existe lugar pra mim. Nenhum lugar*”. Para tentar dar conta disso criamos arte, ciência, religião, moral, conceitos, verdades, criamos nossos Neverwas, construímos nossos castelos e nos auto-coroamos reis.

Chegamos aqui ao seguinte: não há diferença de natureza entre Neverwas e qualquer outra configuração de mundo que se afirme como Realidade, pois toda realidade é impulsionada pela alucinação de última instância do impossível que não há, portanto, toda realidade é delirante e toda configuração delirante de mundo, tem valor de realidade. Eis a fala do psiquiatra-chefe do hospital quando indagado sobre o mundo “inventado” por Gabriel: “*Ele não inventou, ele viveu. Tudo é muito real para ele. É parte de sua alucinação elaborada*”. E não será toda realidade uma alucinação elaborada? Viver é sonhar: “*Eu existia porque sonhava. Não sonho mais*”, é o último testemunho que nos deixa Thomas em sua carta de despedida.

Sendo assim, como podemos determinar o que é loucura e o que é sanidade? Para nós, que compartilhamos a loucura que é própria da espécie, o único meio de distinguir loucura de sanidade é traçar uma fronteira imaginária em algum ponto e afirmar: aqui é sanidade, ali é loucura. Gabriel – o “louco” – acredita ser o Rei de Neverwas – um personagem fictício – e eu – vejam que loucura – acredito ser “Eu”. Acredito ser um nome, uma profissão, uma aparência mais ou menos fixa, um estado civil, um endereço. Além disso, acredito ainda ser uma espécie de núcleo fixo e imutável, um centro de comando racional e consciente, armazenador de informação e produtor de conhecimento, que faz o que quer fazer e sabe bem porque o faz.

No entanto, se analisados com um pouco mais de cuidado, todos estes elementos que acreditamos conferir realidade ao tal “eu”, revelam-se puramente fictícios, totalmente incapazes de definir satisfatoriamente o que seja “eu”, como

² Fazendo um paralelo com o conceito nietzscheano de “Maquiavelismo da potência” (*Vontade de Potência*, Parte 2, p. 283).

³ Expressão baseada no conceito nietzscheano de *Eterno Retorno*.

máscaras fixadas, sobrepostas, que nos levam a imaginar que por trás delas há algo como um “rosto real”, um ser “a princípio”, fixo, que chamamos “eu”.

A própria construção das frases no processo de comunicação, cria vícios de linguagem insuperáveis que colocam o “eu” como sujeito e formula uma série de afirmações fantasiosas que, pela recorrência, e o próprio aprendizado por observação e indução, durante toda a nossa vida, passamos a tomar por naturais. Por exemplo, ao comunicar a alguém a simples idéia de um pensamento que tenha me ocorrido ontem, sou obrigado a dizer: “Ontem, pensei algo”. Onde está subentendido o sujeito “eu”, e não apenas isso, mas também está automaticamente atribuída a este “eu” a qualidade de agente do pensamento. Cria-se assim a idéia de um centro individual produtor de conhecimento. Ou seja, numa simples construção da linguagem, estão inevitavelmente presentes as seguintes fantasias: “Há um centro de comando pensante chamado ‘eu’”. São muitos os exemplos deste tipo. Se digo a alguém: “Ontem fiz algo por tal motivo”, nesta simples construção da linguagem, uma aparentemente inocente frase, estão embutidos não só o sujeito “eu”, mas também a fantasia de que este “eu” além de agente das ações, é plenamente consciente delas e de seus motivos. Assim também, se dizemos, por exemplo, “Eu quero tal coisa”, reforçamos automaticamente a fantasia de que haja um “eu” consciente, que “quer”, dono de suas vontades. Outro exemplo: Se alguém nos conta alguma coisa e dizemos: “Eu sei”, estamos fantasiando que haja um “eu” que sabe, um centro consciente armazenador de conhecimento. E como estes, há ainda mais milhões de exemplos de como o simples ato de comunicação pela linguagem, acaba inevitavelmente reforçando a ilusão do “eu” como centro de comando único e consciente.

Mas, que será este “eu”? Podemos dizer que “Eu” é o efeito de uma combinação única de incontáveis circunstâncias que se recombina a cada instante, a cada lance de dados do acaso. Não é, portanto, um centro de comando fixo, mas um personagem fictício, assim como o Rei de Neverwas, construído por uma série de características que se relacionam entre si. Características que se fixam, cristalizam-se, bloqueando a capacidade de avessamento disponível para a mente. Um personagem fictício de uma história inventada que se acredita sua, representando diversas cenas no teatro social de cada dia⁴.

“Realidade” é um delírio que se reconfigura a cada nova rearrumação de circunstâncias, com as quais temos de lidar, impulsionados sempre pelo delírio de última instância que quer, mas não pode realizar-se. Assim, em o Segredo de Neverwas, o “louco” e o “são” se confundem, analisado e analisando invertem os papéis e é Zachary, o psiquiatra, que tendo remexido suas experiências infantis ligadas à figura do pai, sofria por julgar-se por ele rejeitado e até mesmo culpado por sua morte. Atirado uma vez mais à beira deste abismo, em meio ao sofrimento

⁴ Sobre a discussão acerca da identidade pessoal, ver: HUME, 2001; MAGNO, 2003; NIETZSCHE, *Vontade de Potência - Parte 2, e Além do Bem e do Mal*.

do sentimento de abandono e rejeição, vai ao hospital procurar Gabriel, que é quem lhe fornece uma nova circunstância, capaz de reconfigurar sua realidade: uma carta do pai, em que este declara todo o seu amor pelo filho, apesar das cada vez mais intensas crises de desespero que o levariam ao suicídio.

No final, Zachary pode retribuir, não “arrancando” Gabriel de seu delírio, o que não é possível, pois toda realidade é delirante, mas sim cumprindo a “profecia” à qual estava destinado o menino Zachary, libertando o Rei das masmorras do hospital psiquiátrico e possibilitando-o viver em seu castelo, reconfigurando, assim, sua realidade delirante.

Viver é sonhar. Sonhar constantemente que é possível descrever o indescritível da experiência de Haver, sonhar constantemente que é possível realizar o irrealizável desejo de gozo absoluto, paz absoluta, prazer absoluto, poder absoluto – que não há. Assim, reinando em seu castelo, Gabriel pode afirmar: “*Mais uma vez, eu vivo como sonhei*”.

Termino com a canção do Rei de Neverwas, que é também a canção de todos nós, reis de nossos próprios Neverwas:

O homem foi feito para gozar e sofrer
Quando tivermos isso em mente
O mundo cruzaremos tranqüilamente
Alegria e infortúnio nossa sina
Tecem o traje de alma divina.

Referências:

- FREUD, S. *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. In: S. E. B. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 273-286.
- _____. *A interpretação dos sonhos*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987. v. 4, 5.
- _____. *O mal-estar na Civilização* In: Coleção Os Pensadores: Abril Cultural. São Paulo, 1978
- _____. *O futuro de uma ilusão* In: Coleção Os Pensadores: Abril Cultural. São Paulo, 1978
- HUME, David. *Tratado da Natureza Humana*: Editora UNESP. São Paulo, 2001
- MAGNO, MD. *A Psicanálise, Novamente. Um pensamento para o século II da era freudiana*. Rio de Janeiro: NovaMente editora, 2003
- _____. *Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003.
- _____. *Pedagogia Freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

MEDEIROS, Nelma . *A mente faz de conta: sobre Brilho eterno de uma mente sem lembranças*. Lumina, v. 2, p. 8, 2007.

_____. *A Obscena Senhora Estamira*. Lumina, Juiz de Fora-MG, v. 6, n. 1/2, p. 235-240, 2006.

_____. *A 'Hipótese Deus' e a dedução científica da Psicanálise: considerações preliminares*. Lumina, Juiz de Fora-MG, v. 4, n. jan-jun, p. 1-176, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de Potência - Parte 1*: Escala, São Paulo.

_____. *Vontade de Potência - Parte 2*: Escala, São Paulo.

_____. *Além do Bem e do Mal*: Escala, São Paulo.

STERN, Joshua Michael. *O Segredo de Neverwas*. EUA: Filme, 2005. Título original: Neverwas.